



SÁBADO: PESO OU LIBERTAÇÃO À LUZ DE NÚMEROS 15:32-36

Mauro Rogério da Silva Padilha
Ezinaldo Ubirajara Pereira

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão da literatura sobre o aparente conflito ocorrido em números 15:32-36, tendo como base a pesquisa bibliográfica, foram analisados conceitos, argumentos e possíveis explicações ao texto. Dessa forma, esta pesquisa busca em diferentes autores, uma explicação razoável no que diz respeito ao caráter de Deus e a relação da misericórdia e justiça divina diante da transgressão do sábado ocorrida no deserto do Sinai por um homem que foi apanhado coletando lenha durante o sábado e também busca analisar o mérito do julgamento do citado personagem, bem como a aplicabilidade do quarto mandamento até os dias atuais, dialogando com diferentes autores e dados para encontrar possíveis explicações para esse fato.

Palavras-chave: Sábado. Imposição. Libertação.

ABSTRACT

This article presents a review of the literature on the apparent conflict that occurred in the book of Numbers 15:32-36. Based on bibliographic research, concepts, arguments and possible explanations for the text were analyzed. Thus, this research seeks in different authors, a reasonable explanation about the character of God and the relationship of mercy and divine justice in the face of the transgression of the Sabbath in the Sinai desert by a man who was caught collecting firewood during the Sabbath and it also seeks to analyze the merit of the judgment of the mentioned character, as well as the applicability of the fourth commandment to the present day, putting in dialogue different authors and data to find possible explanations for this fact.

Key-words: Saturday. Imposition. Release.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da História humana, o homem tem buscado entender o início, razão e propósito de sua existência. Nessa busca, muitos que a empreenderam trouxeram uma infinidade de descobertas e inúmeros benefícios à humanidade. No curso do desenvolvimento humano, a busca das respostas tem sido o precursor de destas descobertas que ao mesmo tempo em que traz benefícios, traz novas áreas a descobrir e novas dúvidas sempre a responder.

Esta cultura do debate de ideias se estendeu nas diversas áreas do saber e não foi diferente no meio religioso. Para os cristãos, as diferentes abordagens interpretativas geraram ao longo do tempo diferentes estilos de entendimento do texto bíblico. Nesse contexto, é possível observar que, o embate argumentativo sempre busca entender, dentro da narrativa bíblica, a intenção divina nas diferentes situações ocorridas e através destes acontecimentos é possível extrair, para os moldes contemporâneos, o objetivo de Deus para a humanidade.

A relação entre a misericórdia e a justiça divina diante da transgressão humana tem sido alvo de discussões que se subdividem em inúmeras direções. Uma destas se relaciona com o dia de guarda do quarto mandamento citado em Êxodo 20:8-11, o sábado. No que se refere a este dia de guarda, no livro de Números 15: 2-36 se encontra um relato que levanta espanto no que diz respeito à consequência da desobediência ao quarto mandamento da Lei dos Dez Mandamentos. Essa transgressão resultou no apedrejamento do transgressor, pelos membros daquela comunidade. Diante disso, como um Deus justo, misericordioso, amoroso e perdoador pôde condenar um homem à morte, apenas por recolher lenha no dia de sábado?

Dado o fato de que é encontrada, no decorrer da narrativa bíblica, uma exposição redentora em que o caráter divino é santo, imaculado, perfeito e de elevado amor pelo ser humano caído, como é possível que este mesmo Deus possa condenar à morte um homem que foi pego surpreendido ao apanhar lenha no sábado?

Considerando essa diferença do trato de Deus em relação à transgressão do quarto mandamento no tempo do Israel no Antigo Testamento para os dias atuais, este artigo busca analisar a razão divina para a aplicação da pena de morte por ocasião da transgressão do quarto mandamento encontrada no livro de Números 15:32-36. Primeiramente buscou-se verificar a importância do quarto mandamento para a sociedade no contexto social do Antigo Testamento por conseguinte, analisar o mérito do julgamento utilizado na condenação do indivíduo transgressor e, por último, busca entender o contexto e a validade do sábado para a atualidade, visto que, essa diferença no trato divino para a desobediência deste item da Lei pode gerar dúvidas sobre a validade do dia de guarda bíblico para os dias atuais.

2 A DOUTRINA DO SÁBADO

O sábado do quarto mandamento encontrado no livro de Êxodo 20:8-11 tem sido alvo de controvérsias entre diversas denominações cristãs ao longo dos anos. “A razão da obser-



vância do sábado apresentada em Êxodo é que ele serve como um memorial do descanso de Deus depois de Sua grande obra criadora” (COLE, 1979, p. 152). Partindo dos movimentos religiosos em épocas passadas para os atuais, dos mais tradicionais aos mais liberais, hoje, uma pequena minoria comunga da guarda do sábado em suas liturgias e em suas ordenanças. Seja por tradição ou por visões teológicas diferentes, as religiões que guardam o sábado o guardam por entender que se trata de uma instituição divina que tem sua validade desde a criação até a eternidade. Timm (2010, p.73) ressalta que “esse descanso era apenas a expressão física da experiência mais profunda do descanso espiritual de pertencer a Deus [...] um genuíno estado de salvação no qual só se poderia entrar pela fé”.

A Bíblia apresenta este dia como um dia separado dos demais para um relacionamento mais próximo entre a humanidade e o Deus Criador. Em nossos dias este costume é mais conhecido entre os povos descendentes dos judeus, para eles o sábado é o clímax da semana “uma ocasião para repouso, culto e convívio com a família ou a comunidade” (WILKINSON, 2011, p. 78). Poucas são as religiões que inseriam este costume em suas tradições. Entre os cristãos que aderiam ao dia sagrado judeu, várias são as razões apresentadas para a aceitação deste costume. A seguir é apresentado um breve histórico desta instituição dentro do âmbito desta pesquisa.

2.1 O SÁBADO NA ALIANÇA DA CRIAÇÃO

De acordo com o relato bíblico encontrado no Livro de Gênesis 1:31 e 2:1-4, o sábado foi instituído no último ato da criação do planeta Terra. Isto pode ser comparado ao acabamento que embelezou toda a estrutura que mantém o processo criativo da vida na Terra. Mas o simbolismo deste dia vai além de uma simples comparação e se destaca com o benefício de se viver dentro de um molde confortável e seguro e do prazer que se tem ao se relacionar com o Deus que proporcionou a vida aos seres deste mundo.

Os textos bíblicos colocam o sábado como a coroa da criação que, fechado num ciclo de tempo, traz à lembrança do homem a soberania de um Criador que está sobre toda a criação, mas ao mesmo tempo em que é dono do universo, se interessa por Sua criação como um pai se interessa pelos filhos pequenos que precisam da sua ajuda. Dederen (2011, p. 566) enfatiza que o sábado “foi o dia estabelecido por Deus para adoração e descanso”. Este autor descreve uma teologia bíblica do sábado que envolve Deus, o homem, a Igreja, a salvação do pecador e os acontecimentos que envolvem os últimos eventos da história terrestre envolvidos intimamente em episódios ligados ao quarto mandamento.

Stein Jr. (2001, p. 60) destaca no livro, o Sábado ou Repouso do Sétimo Dia, uma demonstração detalhada da importância do sábado para o relacionamento entre Deus e os homens e como Deus o instituiu na história humana, colocando este dia “no coração da Lei Moral” que serviria de guia para o relacionamento do homem com Deus e entre o homem e seus semelhantes no decorrer das gerações que viriam.

2.2 O SÁBADO NA ALIANÇA DO SINAI

O povo de Israel permaneceu 430 anos (Êx. 12:40) no Egito, dentre os quais, “215 anos como escravos” (NICHOL, 2011, p. 163). Uma geração após a outra sentiu o peso dos trabalhos forçados e a pressão psicológica de ter suas vidas conduzidas contra a vontade própria e rebaixada à condição dos animais, sendo todos os dias conduzidos sob o jugo e o chicote para suas atividades cotidianas e enfrentando a morte pelas causas degradantes a que eram submetidos. Por todo esse tempo, submetidos às mais extremas dificuldades, não é difícil compreender que sua identidade cultural sofreria perdas, nas gerações seguintes.

Após serem libertos da escravidão, os israelitas foram conduzidos para a terra de Canaã e, para desenvolver-se como uma nação forte precisariam de uma reeducação adequada para, então, se reconectar à cultura e ensinamentos religiosos de seus antepassados. Nesse ínterim, o povo em geral não reconheceu o poder que os tirou daquela situação e durante toda aquela trajetória reclamaram e se desfizeram de seu Libertador e de seu líder Moisés. Uma característica que se destaca naqueles recém-libertos da escravidão era a reclamação excessiva que pairava no devaneio de querer “voltar ao Egito para comer pepinos, melões, peixes, sem levar em conta a situação que viviam naquele lugar e o que poderia acontecer caso estivessem lá novamente” (LASOR; HUBBARD; BUSH 2002, p. 117).

Outro fato a destacar é que seria muito improvável que uma multidão de escravos, em poucos anos, se tornasse uma nação civilizada e organizada. Isso é impossível aos olhos de muitos governos do passado e da atualidade, mas no processo de preparo de Israel como nação Deus desejava que os israelitas aprendessem a depender inteiramente Dele. E para isso Ele utilizou o deserto como “uma praça de esportes onde se podiam desenvolver os músculos espirituais” (HOFF, 2007, p. 125). Só assim uma nação de ex-escravos poderia aprender como agir nas mais diversas situações que demandariam força moral e viril para se estabelecer como um país livre e independente entre outros povos poderosos e experientes nas áreas comerciais, militares e políticas. A história do povo de Israel estava, portanto, entrelaçada com as leis de Deus e, por sua vez, estas leis com o dia de guarda apontado na Bíblia.

Schmidt (1994, p.115) afirma que os Dez Mandamentos serviriam como um elo de “relacionamento com Deus e proteção do próximo”. Essa proteção alcançaria todas as esferas sociais. Protegeria as pessoas contra a violência, abusos, furtos e a desonra. Essas leis que receberam de Deus no deserto do Sinai serviriam para sua reeducação e a construção de um Estado de igualdade social bastante elevada em todas as épocas.

Segundo a história bíblica, o legislador era o próprio Deus (Êx. 20:1-2; Dt. 5:1-6) e Ele mesmo tomou a iniciativa de libertar aquele povo e o estabelecer como nação forte e notável, mas para isso exigia compromisso com aqueles a quem aceitavam Sua intervenção e cuidado. Não se tratava de um relacionamento igual ao das tribos animalistas com seus deuses, no qual há um relacionamento de apaziguamento da ira divina. O relacionamento entre o Deus da Bíblia e Israel era de parceria, um relacionamento pessoal que exigia de



ambas as partes o cumprimento do acordado para que essa sociedade fosse bem sucedida.

Dentro desse acordo havia uma série de cerimônias que envolviam o serviço de sacrifícios que remonta ao ato divino de misericórdia para com Adão e Eva após a queda, quando o “Senhor os confortou, dizendo que ao cumprir-se a obra da redenção, pela purificação do Templo de Deus, eles seriam novamente conduzidos juntamente com toda a família redimida” (OLIVEIRA, 200-? p. 12) para a vida que Deus planejou para o ser humano ao criar este mundo. No santuário construído no meio dos acampantes. Qualquer pessoa daquela comunidade que não cumprisse sua parte nesse acordo poderia receber o perdão e, normalmente, continuar a fazer parte da sociedade (Êx. 30:15; Lv. 1:4; 4:3, 14, 21, 24, 25, 26, 29, 31, 5:6, 10, 13, 19, 6:6-7; 16; 17:11, 19:21; Nm. 15:27, 16:46, 31:50; ISm. 16:13; Ed, 6:17; Ne. 10:36; Is. 59:2; Jo. 14:6; Hb. 4:14-16). Isto se deve também ao fato de que “o conceito de oferta pelo pecado, essencial à prática religiosa de Israel, procede do conceito da Santidade de Deus, entendida em termos não meramente rituais, mas morais” (COLE, 1980, p. 23). Entretanto, há uma diferença fundamental entre as faltas cometidas contra as leis firmadas na aliança entre Deus e o povo de Israel. Ellisen (2007, p. 63) ressalta que esta diferença no trato da transgressão está no fato de que os pecados não intencionais poderiam ser “expiados com diversas ofertas, mas os intencionais ou de rebeldia, não. Eles exigiam pagamento imediato. Muitas vezes o preço era a própria vida do transgressor”.

2 A CONDENAÇÃO PELA QUEBRA DO SÁBADO

Um episódio bem curioso é encontrado no livro de Números 15:32-36, onde um homem foi pego, surpreendido enquanto apanhava lenha no dia de sábado por alguns populares, foi imediatamente preso e, em seguida, submetido à condenação e execução da pena de morte. A narrativa bíblica deixa claro, em textos anteriores, que essa situação já tinha sido esclarecida antes e, tal condição era bem conhecida por toda a sociedade no acampamento dos israelitas (Êx 16:23, 25, 26, 29, 30, 31:15 e 35:2-3). É de admirar que mesmo assim, aquele homem foi encontrado preparando lenha para o fogo naquele dia.

Estando, pois, os filhos de Israel no deserto, acharam um homem apanhando lenha no dia de sábado. Os que o acharam apanhando lenha o trouxeram a Moisés, e a Arão, e a toda a congregação. Meteram-no em guarda, porquanto ainda não estava declarado o que se lhe devia fazer. Então, disse o SENHOR a Moisés: Tal homem será morto; toda a congregação o apedrejará fora do arraial. Levou-o, pois, toda a congregação para fora do arraial, e o apedrejaram; e ele morreu, como o SENHOR ordenara a Moisés (Números 15:32-36).

Foi uma sentença, cuja execução foi realizada por toda a congregação de Israel. We-nham (1985, p.138) destaca que este tipo de castigo simbolizava “a rejeição a rejeição da comunidade em relação a essa ofensa. Visto que o sábado era um símbolo do pacto, a sua profanação era particularmente séria”.

2.1 CONTEXTO DO CAPÍTULO 15

Diante disso, ao observar o capítulo 15 do livro de Números, é possível destacar a apresentação de leis cerimoniais que visavam advertir as pessoas daquele tempo quanto aos tipos de pecados e, em que ocasião os transgressores poderiam ser restabelecidos à situação anterior e ter as garantias de pertencentes àquela comunidade.

Nesse contexto é possível destacar duas classes de pecados que são enumerados conforme a condição inicial do transgressor, são classificados em intencionais e não-intencionais. Primeiramente, nos versos 22 a 29, são apontados os requisitos a serem observados caso alguém cometesse pecados por ignorância e inadvertidamente entrasse em erro. Estes eram os erros cometidos de formas não intencionais onde a pessoa não agia de maneira obstinada: Se alguma pessoa pecar por ignorância, apresentará uma cabra de um ano como oferta pelo pecado. O sacerdote fará expiação pela pessoa que errou, quando pecar por ignorância perante o Senhor, fazendo expiação por ela, e lhe será perdoado.

Para estes pecados havia perdão, desde que a pessoa se arrependesse e como ato de aceitação do perdão, oferecia o sacrifício requerido. Neste caso o faltoso era readmitido como parte do povo que tinha a Aliança com Deus.

Para os pecados que envolviam planejamento e se realizavam deliberadamente, não havia perdão. A pessoa que desafiava a Deus e pisasse nos Seus mandamentos poderia ser excluída da Aliança que Ele tinha estabelecido. Nesse caso, alguém que desprezasse as leis, que tornariam aqueles ex-escravos em uma nação forte, não poderia permanecer em seu meio. Para algumas dessas transgressões a pena era a de morte, ou seja, para os “pecados cometidos conscientemente não havia oferta, devendo o pecador ser morto” (SOUZA 2005, P. 10). A pena de morte em Israel significava a execução total da pessoa da Aliança, isso é bem perceptível no contexto dos dias de festas fixas onde há o relato de que “quem, nesse dia, fizer alguma obra, a esse Eu destruirei do meio do seu povo” (Lv. 23:30).

2.2 A PROIBIÇÃO DE ACENDER FOGO NO SÁBADO

Na Bíblia a proibição de acender fogo no dia de guarda sabático foi introduzida imediatamente à ordem de guarda do sábado. “Trabalhareis seis dias, mas o sétimo dia vos será santo, o sábado do repouso solene do SENHOR; quem nele trabalhar, morrerá. Não acendereis fogo em nenhuma das vossas moradas no dia do sábado” (Êx. 35:2-3).

Dorneles (2011, p. 732) ressalta que “Antigamente acender fogo requeria esforço considerável” e, relacionado ao dia de descanso era muito inoportuno que alguém fosse tirar lenha para o combustível do fogo para cozinhar. Isto, portanto, era considerado como trabalho porque envolvia muito esforço para cortar, separar e carregar a lenha. Além disso, estaria na iminência de perder a vida como pena a ser executada para a transgressão. O fato de ser pego enquanto apanhava lenha neste dia infere que aquele homem estava premeditadamente indo em direção contrária às recomendações divinas.

2.3 A ATITUDE DO HOMEM TRANSGRESSOR EM NÚMEROS 15



Dentro do contexto do livro de Números capítulo 15, onde trata da reparação pessoal em caso de transgressão, pode ser observada a atitude do homem que foi pego catando lenha naquele dia. Em seguida às recomendações que apontam os versos 30 e 31, segue, imediatamente o relato de catar lenha no sábado, que vai do verso 32 ao 36.

Cabe aqui ressaltar a palavra atrevidamente e desprezar. Agir atrevidamente desprezando as recomendações de Deus era a razão para que a pessoa fosse “eliminada” e pagasse por seus erros. Outro ponto a considerar é que o mandamento de guarda do sétimo dia está inserido dentro do conjunto dos Dez Mandamentos encontrado em Êxodo 20.

Este conjunto de ordenanças envolve a consideração do homem para Deus e para o bem estar social. Agir atrevidamente contrário a esses regulamentos seria um desprezo tanto para Deus quanto para as pessoas que viviam ao seu redor. Desrespeito aos pais, assassinato e adultério também eram passíveis de morte.

Outros textos bíblicos também destacam esta atitude dentro do contexto de guarda dos Mandamentos de Deus. Entre eles no livro de Deuteronômio 17:12, está escrito que “o homem, pois, que se houver soberbamente, não dando ouvidos ao sacerdote, que está ali para servir ao SENHOR, teu Deus, nem ao juiz, esse morrerá; e eliminarás o mal de Israel”. No livro dos salmos, mas precisamente no salmo 19, verso 13, há uma afirmativa em primeira pessoa que expressa bem a cultura daquele povo muitos anos depois desse fato. O texto diz: “também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irreprensível e ficarei livre de grande transgressão”.

No Novo Testamento também é possível encontrar algumas referências ao segundo tipo de pecado mencionado anteriormente. Na carta aos hebreus, capítulo 10, verso 26, o apóstolo Paulo afirma que “se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados”, em outras palavras, não há expiação, não há remissão de pecados. Nesse caso não há remissão de pecados porque o pecador age por conta própria e despreza o que Deus tem feito para a sua salvação. E, se não há a aceitação do perdão, só o que resta é a condenação.

As palavras atrevidamente, soberbamente e deliberadamente encontradas na tradução da Bíblia para a língua portuguesa, na versão Almeida Revista Atualizada, tem um sentido mais abrangente na Nova Versão Internacional, que a traduz como “atitude desafiadora”. Esta palavra no texto original grego é *Ἐκουσίως* que pode ser traduzida para o português como a expressão “de boa vontade, voluntariamente, intencionalmente” (GINGRICH; DANKER, 1984, p. 68). Era quando a pessoa, obstinadamente, decidia permanecer no erro e, conscientemente, desafiava Deus através da quebra da Sua Lei.

Dederen (2011, p. 948) ressalta que “a pena de morte foi estabelecida em caso de profanação”. Sendo assim, é possível notar que aquele homem colocou a própria vida em risco em seu desafio pessoal à Autoridade Divina. Talvez pudesse ter emprestado um pouco de lenha ou comida de alguém conhecido, todos moravam lado a lado em um acampamento enorme, alguma pessoa poderia lhe ajudar mas, o que se infere pelo texto é que, apesar de



toda a orientação referente ao tema, ele foi e desafiou as recomendações de Deus e trouxe para si a consequência da afronta.

2.3 A SENTENÇA NO CONTEXTO DO SÁBADO

Esse fato parece aterrador se visto com a ótica contemporânea. O que aconteceria com quem não guardasse o sábado na atualidade? Para entender melhor essa problemática é preciso analisar os acontecimentos recentes ao fato ocorrido. Osborne (2009, p. 43) ressalta que “na Bíblia, o contexto é que fornece a situação subjacente ao texto. O fato é que não há significado fora do contexto, mas apenas vários significados possíveis”. Sendo assim, se não forem levados em consideração, os acontecimentos que ocorrem dentro do contexto imediato de determinado fato da história bíblica, há o perigo de, ao se deparar com uma narrativa contrária à cultura ocidental, entender o ocorrido de diversas maneiras diferentes e até mesmo contrárias ao sentido original da narrativa histórica bíblica.

Dentro do relacionamento da Aliança entre Deus e Israel era de se esperar fidelidade total de ambas as partes. Brueggemann (2014, p. 554) destaca que neste convívio “espera-se que Israel, como parceiro da aliança com Javé ordene sua vida de uma maneira que seja apropriada a esse relacionamento. É inconcebível que um Deus santo, glorioso e zeloso, o qual é Criador dos céus e da Terra, se comprometa em um relacionamento sem uma expectativa assim”. Em nenhuma parte dentro do texto bíblico se encontra alguma referência que indique que alguém era obrigado a fazer parte da aliança com Deus. Mas a partir do momento que se aceitava as condições, ambas as partes estavam comprometidas nas suas obrigações.

O Caráter Divino por ser justo e cheio de amor, não acarretaria ao homem algo além de suas forças como sobrecarga para afligi-lo em suas faltas. Deus agiu dentro da cultura daquelas pessoas, revelando também, a seriedade de Suas Leis. Dentro do direito veterotestamentário, Schmidt (2004, p. 110) destaca que as leis dadas ao povo de Israel possuía elementos “precedentes do Antigo Oriente”. Outro fator relevante é que os pecados intencionais eram “pecados contra os quais tinham sido admoestados” (ELLISEN, 2004, p. 63). Neste caso, portanto, na premeditação do personagem para a transgressão da Lei Divina, fica evidente o desprezo daquele homem por tudo o que se referia ao governo e relacionamento com o Deus de Israel e com sua comunidade.

3 A DOUTRINA DO SÁBADO NA ATUALIDADE

Há muitas divergências sobre a validade do sábado entre as religiões cristãs em nossos dias. Na Igreja Primitiva não havia discussões acerca de uma possível invalidade do sábado Timm (1998, p. 29) ressalta que “muitos cristãos começaram a adorar a Cristo no domingo com o duplo propósito de se distanciarem do judaísmo e de se tornarem mais aceitos dentro do Império Romano” e essa atitude ao longo do tempo abriu caminho para que



novos costumes fossem anexados ao cristianismo até que se tornou uma tradição da Igreja, a guarda do primeiro dia da semana.

Há autores na atualidade que defendem a guarda do domingo utilizando argumentos que fogem à hermenêutica adequada do texto bíblico. Vaux (2004, p. 520) afirma que por Jesus ter afirmado ser o Senhor do Sábado (Mc. 2:28), Ele “poderia abolir o Sábado e Ele o aboliu, [...] pela comemoração da ressurreição e das aparições do Cristo ressuscitado e na espera do último retorno.” Um caso interessante é o de Harold Camping que em seu livro, Domingo: o sábado? Afirma que há um erro na tradução de Mateus 28:1, ele ressalta que a frase ‘no fim do sábado’ significa o fim da validade para o sábado e “interpreta a frase ‘quando já despontava o dia da semana’ como devendo significar: ‘Deus tem uma nova era de sábados’”, isto é, o domingo (SILVA; THEISS; BRITO, 2009, p.78).

Há, ainda, autores que defendem que após o início do sacerdócio de Cristo, “a lei mosaica terminou na cruz e que a graça não requer legalmente a guarda do sábado” (ELLISEN, 2007, p.40). Nesses e em quaisquer outros argumentos é perceptível uma mudança abrupta na construção argumentativa e o mais impressionante é que não se encontra qualquer embasamento bíblico para a instituição do domingo como substituto do sábado bíblico. Em relação ao primeiro dia da semana, Haynes (2004, p. 27) ressalta que, “Jesus jamais o mencionou uma só vez e jamais lhe tomou o nome nos lábios”. Fica, portanto, evidente que nenhuma importância foi dada por Cristo ao primeiro dia da semana referente a ser este, um novo dia de guarda.

Contudo, a adoração a Deus no domingo é algo recorrente no meio cristão. Essa mudança ocorreu paulatinamente ao longo dos tempos. Bacchiocchi (1977, p. 25) afirma que mesmo no tempo de Jesus “a dimensão original do sábado como dia para honrar a Deus através da preocupação e compaixão para com os seres inferiores havia sido amplamente esquecida”. Este fato é curioso e mostra que ao longo do tempo o verdadeiro objetivo para o sábado foi, aos poucos, sendo esquecido e substituído por cultos e observações vazias que preenchiam apenas as aparências religiosas da maioria das pessoas.

O objetivo do sábado estava acima de qualquer aparência humana e este foi feito para que a humanidade pudesse ultrapassar todos os limites de tudo aquilo que trazia fardos, cansaço e preocupações para as pessoas e lhes proporcionasse alento e felicidade. Para Stein Jr. (2001, p. 85) “o sábado tinha sido feito em atenção ao homem, para seu gozo e deleite espiritual; para elevação de sua alma a Deus, livre e despreocupada dos cuidados e aflições da Terra”.

No que se refere à pena imputada ao transgressor do livro de Números 5:32-36 e, sua relação com a falta da observância do sétimo dia, como o sábado do Senhor na atualidade, não se vê em nossos dias e nem há algum relato na literatura ocidental sobre condenações resultantes da profanação desse dia. Em nossa cultura não seria diferente o trato de Deus em relação ao seu dia de descanso. Antes de deixar a ordem para a pregação do evangelho para todo o mundo como missão da Igreja Cristã, Jesus foi o maior exemplo de restauração deste dia.

O fundador da religião cristã trouxe o verdadeiro significado do sábado e provou através de seus milagres e curas que o Sábado é um dia de libertação do sofrimento, um dia de alegria e felicidade aparentemente além das possibilidades humanas, mas que pode ser alcançado quando olhamos para Deus e para o próximo dentro das horas do sétimo dia.

A obediência relativa ao sábado se dá justamente pela parceria entre Deus e a humanidade, uma Aliança que remonta à Criação, se enraizou na cultura povo de Israel e, que posteriormente pode ser vista no caráter amorável de Deus que se revelou em Cristo na libertação do sofrimento de diversas pessoas durante Seu ministério. Desde então a humanidade voltou a ser, assim como Israel, parceiro de Deus, quando através de Cristo, foi estendida aos homens de todas as nacionalidades a graça e bênçãos contidas no tempo que transcorre o sétimo dia da semana. E o sábado como elemento no tempo, mostra a aceitação do homem como membro da família de Deus. Sua fidelidade “é definida pela obediência a esta Aliança” (BRUEGGMANN, 2014, p. 552).

Apesar de muitos ainda não receberem ou não acreditarem que este dia deva ser levado em consideração na sua vida devocional, não há porque ter medo ou temor quanto a um julgamento imediato pela não guarda do sábado. Sem dúvidas “Deus, certamente, não terá por responsável da verdade aquele que ainda não a conhece nem a compreende” (KNIGHT, 2008, p. 156). Mas, a partir do momento que o ser humano tem conhecimento dos planos de Deus e de Suas leis, tem diante de si uma decisão a tomar que definirá seu relacionamento com aquele que o salvou da escravidão do pecado. Ao que tudo indica, todo aquele que é salvo por Cristo guarda Sua Lei, porque foi salvo para as boas obras (Ef. 6:10) e nesta Lei está incluído a santificação do sábado do sétimo dia como reconhecimento da soberania divina na vida daquele que se entrega a Ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sábado bíblico literalmente é o sétimo dia da semana. Este foi estabelecido na Criação e ratificado na Aliança com o povo de Israel. A atenção de Deus na restauração e manutenção deste dia é evidente ao longo da história bíblica.

O episódio de condenação à pena de morte para o transgressor referido no livro de Números 15:32-36, foi o resultado de uma sequência de ações deliberadas visando a profanação voluntária de uma instituição divina. A ausência desse tipo de condenação para a quebra do dia sabático na atualidade de maneira nenhuma é um fator que fortalece a argumentação de invalidade do sábado bíblico para a substituição deste pelo primeiro dia da semana, o domingo.

No que diz respeito à validade do sábado para os dias atuais, não há nada que indique que foi mudado ou substituído por outro dia com a autorização divina. Ao contrário, o que pode ser inferido pelos atos e palavras de Jesus é que Ele nunca ratificou tal mudança no dia de adoração. O que se percebe é que a guarda do domingo partiu de observações e aceitação popular referente a este dia.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. rev. atual. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.
- COLE, R. Alan. **Êxodo**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- BACCHIOCCHI, Samuele. **Do Sábado Para O Domingo**: uma investigação do surgimento da observância do domingo no Cristianismo Primitivo. Roma: The Pontifical Gregorian University Press, 1977. Disponível em: <<https://adventismoemfoco.files.wordpress.com/2008/11/tese-do-phd-dr-bacchiocchi-do-sabado-para-o-domingo.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 20.
- BRUEGGMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. São Paulo: Paulus, 2014.
- DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia**: Adventista do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. v.1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**: um guia de esboços e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- SILVA, Natan; THEISS, Gilberto G; BRITO, Azenilton. **O Despertar de Um Mandamento**: verdades e fatos que todos precisam conhecer. 2. ed. Feira de Santana: Clínica dos Livros, 2009.
- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento**: grego, português. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HAYNES, Carlyle B. **Do Sábado Para o Domingo**: exame dos aspectos históricos da questão do sábado mostrando como, quando, por que e por quem foi feita a mudança do sétimo para o primeiro dia da semana. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- HOFF, Paul. **O Pentateuco**. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- KNIGHT, George R. **Questões Sobre Doutrina**: o clássico mais polêmico da história do adventismo. ed. anot. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- LASOR, William Sanford; HUBBARD, David; BUSH, Frederic. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- OLIVEIRA, Diógenes L. **O santuário de Deus**. Teresópolis: Impressão própria, [S.l.: s.n. 200-?]
- SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- SOUZA, Raul Daniel de. **A Doutrina Do Santuário**: definição e análise de sua presença nos estudos bíblicos. Revista Kerigma. Ano 1. n. 2. 2º. Sem. 2005. p.79. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/324/327>>. Acesso em: 24 out. 2020.
- STEIN JR., Guilherme. **O Sábado ou Repouso do Sétimo Dia**. 2. ed. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2001.



TIMM, Alberto R. **O Sábado na Bíblia**: por que Deus faz questão de um dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. **Do sábado para o domingo**: quem mudou o dia do Senhor do sábado para o domingo? Revista Sinais dos Tempos, março de 1998, p. 29.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WENHAM, Gordon J. **Números**: Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985.

WILKINSON, Philip. **Guia Ilustrado Zahar**: religiões. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.